

COMISSÃO DE AQUISIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

RELATÓRIO E PROPOSTA 2023



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**

Direção-Geral do Património Cultural

1. Enquadramento

Tendo nas últimas duas décadas permanecido uma coleção fechada, a Coleção de Arte Contemporânea do Estado foi reaberta através do Despacho n.º 5186/2019, publicado no Diário da República n.º 101/2019, Série II, de 27 de maio de 2019, que determina a constituição de uma Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea (CAAC), com a missão de identificar obras de artistas plásticos contemporâneos, tendo em vista a respetiva integração no programa de aquisição de arte contemporânea do Estado.

O Despacho n.º 5186/2019 estabelece que a CAAC funciona sob dependência do membro do Governo responsável pela área da cultura, tendo as seguintes competências:

- Selecionar as obras de arte cuja incorporação na Coleção de Arte Contemporânea do Estado se revele fundamentadamente adequada;
- Elaborar um projeto de catálogo sobre a Coleção de Arte Contemporânea do Estado;
- Propor a realização de exposições de obras que integrem a Coleção de Arte Contemporânea do Estado e acompanhar a respetiva produção, montagem e divulgação.

No exercício destas competências, a CAAC deve apresentar ao membro do Governo responsável pela área da cultura um relatório que discrimine:

- O elenco das obras de arte, cuja aquisição pelo Estado seja considerada relevante no ano económico, tendo por referência as disponibilidades orçamentais previstas para o programa de aquisição de arte contemporânea portuguesa do Estado;
- Elementos identificativos do autor e da obra de arte, bem como reprodução gráfica da mesma;
- Fundamentação técnica para a proposta de seleção de cada obra de arte;
- Estimativa de preço de cada obra de arte, com indicação dos pressupostos do respetivo cálculo;
- Proposta de conteúdos, periodicidade e tiragem do catálogo, bem como estimativa dos custos de edição e impressão;

- Proposta de datas, conteúdos e formas de divulgação das exposições, bem como estimativa de despesa para a respetiva realização e proposta de dois locais para as exposições, de acordo com critérios de dispersão territorial.

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea para o biénio 2023/2024, designada no Despacho n.º 619/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, de 12 de janeiro, definiu, nos termos do previsto no Despacho n.º 5186/2019, o respetivo funcionamento.

Tendo em consideração os prazos previstos no Despacho n.º 5186/2019, e para cumprimento dos prazos estipulados para 2023, a Comissão reuniu semanal ou quinzenalmente, conforme a tabela constante do Anexo I ao presente relatório.

No decorrer das reuniões, os membros apresentaram as respetivas propostas, as quais foram objeto de contínua discussão crítica, sempre no sentido de que as mesmas respondessem aos critérios definidos em Despacho, tendo chegado a uma listagem final, que ora se apresenta, aprovada por todos os membros.

2. Proposta de aquisição

Tendo em consideração o montante determinado pelo Estado para aquisição de obras de arte contemporânea no ano de 2023 – € 800 000 –, a CAAC para o Biénio 2023/2024, composta pelos ora signatários, propõe a Sua Excelência o Ministro da Cultura:

1. A aquisição das obras identificadas no Anexo II ao presente Relatório:
2. A produção de um catálogo bilingue (português/inglês), com uma tiragem mínima de 1000 exemplares.
 - a) O catálogo deverá documentar os trabalhos selecionados e adquiridos, integrando igualmente um texto institucional de Sua Excelência o Primeiro-Ministro e Sua Excelência o Ministro da Cultura, bem como um texto enquadrador preparado pela Comissão de Aquisições.
 - b) O catálogo deve conter a reprodução de todas as obras adquiridas pela Comissão e o registo fotográfico das peças deverá ser encomendado a um fotógrafo profissional, especialista na realização de fotografias de obras de arte.

c) O custo estimado do catálogo é de 15.000,00€, valor que inclui *design*, impressão, custos de tradução e execução de fotografias.

d) Propõe-se que o catálogo seja editado no âmbito no protocolo entre a Direção-Geral do Património Cultural e a Imprensa Nacional Casa da Moeda.

3. Uma exposição conjunta das obras adquiridas no biénio 2023/2024, comissariada pelos membros da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea, com a duração de três meses e a ter lugar entre o último trimestre de 2024 e o primeiro trimestre de 2025. Propõe-se, igualmente, que após o encerramento desta exposição, as obras adquiridas sejam expostas em núcleos expositivos numa lógica de dispersão territorial, permitindo a difusão das novas aquisições da Coleção de Arte Contemporânea do Estado, sendo particularmente importante que isto aconteça em territórios de baixa densidade populacional.

Anexo I (a que se refere o ponto 1)

Reuniões da CAAC 2023

| Mês | Dia |
|------------|------------|
| Janeiro | 31 |
| Março | 06 |
| Março | 31 |
| Maio | 10 |
| Maio | 24 |
| Junho | 14 |
| Junho | 21 |
| Junho | 29 |

Anexo II

(a que se refere o n.º 1 do ponto 2 do Relatório)

ALEXANDRE ESTRELA [Lisboa, 1971]

***Making a Star* | 1996**

Descrição: Vídeo e monitor CRT. MOV, cor, 4'loop, som estéreo. Monitor CRT 28''. Ed. 3 + 2 AP

Valor de Aquisição: 25 000 €



Fundamentação: Alexandre Estrela tem uma prática artística de grande relevância no panorama artístico nacional e internacional. Ligando e desligando um televisor antigo sucessivas vezes até este se avariar, em *Making a Star* (1996), Alexandre Estrela consegue simular o aparecimento de uma estrela no pequeno ponto de luz que resiste no centro do ecrã. Nascimento e morte. Irrisória a morte do televisor perante a maravilha do clarão multicolor de uma estrela que assim nascerá. Esta peça representativa da fase inicial do seu percurso artístico, resulta do registo filmado deste acontecimento passado a uma velocidade muito lenta, ao mesmo tempo que uma voz mecânica explica o processo com que esta estrela foi criada, à semelhança de um manual de instruções. O artista revela que esta obra foi inspirada num conto de ficção científica de Glenn Chandler (*A Estrela de Bobo*), no qual um rapaz procura criar uma estrela “caseira” a partir de um kit. Assumindo também a possibilidade de uma dimensão autorreferencial, Alexandre Estrela abre, ironicamente, outras possibilidades de leitura.

ANA CARDOSO [Lisboa, 1978]

Moléculas (Pterodactylus, Matisse, Etc) | 2022-2023

Descrição: Acrílico sobre linho e algodão costurado

Dimensões: 235 x 570 cm

Valor de Aquisição: 24 600 €



Fundamentação: A obra de Ana Cardoso evidencia uma prática de pintura abstrata que se caracteriza pela experimentação da variação geométrica dos suportes. Evitando o corpo pré-estabelecido, estático e unificador do espaço da tela, ou seja, a configuração retangular da composição pictórica, os seus trabalhos assentam na exploração do *shaped canvas*, ou seja, no recorte e na variação e multiplicação dos formatos do suporte material da pintura, o que confere aos trabalhos uma singularidade e diversidade plástica assinalável. Citando esta prática de pintura do modernismo tardio, sobretudo associada aos artistas minimalistas, Ana Cardoso, subverte ainda assim alguns dos seus valores, já que a qualidade rigorosa e geométrica do suporte (normalmente triangular, quadrada...) é contrabalançada com uma pintura de natureza gestual, orgânica, livre e espontânea.

Moléculas (Pterodactylus, Matisse, Etc.) (2022-2023) pertence a este universo de composições com dimensões e configurações muito singulares que caracterizam a qualidade plástica da sua obra. Formando uma instalação de elementos que se conjugam e espraíam pela parede a modo de puzzles, este conjunto de telas joga também com o efeito de suspensão da estrutura modular da pintura, propondo uma mancha informal e ondulante de pintura, cujo universo cromático, poético e criativo presta tributo a Matisse, figura incontornável da história da pintura, citado no título da obra.

ANA JOTTA [Lisboa, 1946]

Untitled | 2022

Dimensões: 130 x 120 cm

Valor de Aquisição: 28 625 €



Fundamentação: Esta peça tem um lugar particular nas séries de pinturas sobre ecrãs de Ana Jotta. De certa forma, já estaria na latitude conceptual de qualquer das outras séries, já que nelas, o ecrã é um objeto que não se limita a ser suporte da pintura e/ou do desenho. Ecrãs que nunca prescindem da sua condição de ecrãs. Sobre eles a artista pinta, desenha, como quem projeta imagens sobre um suporte. E a escolha de ecrãs de projeção reforçam essa intencionalidade. Se os encararmos na condição de meta-pintura, os alvos de Jasper Johns terão a potencialidade de enunciar a pintura como sendo ela própria um alvo. Com os seus ecrãs, entre muitas outras coisas, Ana Jotta poderá estar a dizer-nos que a pintura será um ecrã ou, mesmo, será como um ecrã o seu próprio processo e imaginar.

Nesta obra, a imagem no ecrã é um ecrã com desenho idêntico ao objeto que a contém. Nesta vertigem de um ecrã dentro de um ecrã, esta poderia ser a derradeira obra de todas as suas séries de ecrãs. Mas certamente não será. Pelo percurso da artista, nada poderá ser assim previsível, na sua voraz e desconcertante relação com as imagens.

ARMANDA DUARTE [Praia do Ribatejo, 1961]

***Quinto dedo* | 2018**

Descrição: Par de sapatos pretos cortados nas extremidades

Dimensões: 23 x 18 x 10 cm

Valor de Aquisição: 7 800€



Fundamentação: A artista Armanda Duarte revela um percurso de grande consistência contando com um extenso currículo de exposições individuais e coletivas e de residências artísticas desde os anos oitenta. Encontra-se ainda representada em diversas coleções públicas e privadas como Culturgest-Caixa Geral de Depósitos; Fundação EDP; Ivo Martins; Pedro Cabrita Reis; entre outras. A sua prática artística levanta questões sobre lugar, tempo e corpo que são determinantes na percepção da sua obra singular e muitas vezes mínima, que integra o desenho, instalação e performance. É um trabalho rigoroso, mínimo e por vezes discreto, que reorganiza objetos comuns para colocar um espanto subtil em evidência. Encontra-se no seu trabalho um lugar íntimo de pesquisa e com os resultados inesperados, de consequências, causas e efeitos de quem observa de forma cuidada o tempo de cada objeto, em cada lugar, na relação com o seu próprio corpo. A peça “quinto dedo” representa uma destas ações mínimas, sendo ainda objeto de uma ação performática.

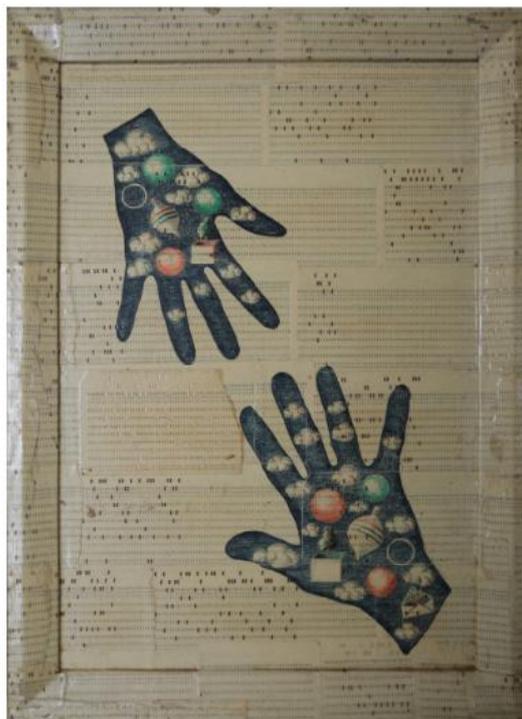
ARMANDO AZEVEDO [Minho, 1946 – Coimbra 2020]

***Sem título* | 1978**

Descrição: Esferográfica e colagem, papel sobre madeira

Dimensões: 55,5 x 40 cm

Valor de Aquisição: 4 920 €



Fundamentação: Este é uma obra de uma extensa série que Armando Azevedo realizou nos anos setenta onde a moldura é sempre assimilada pela colagem. Não existe imagem emoldurada, mas onde a presença da moldura denunciada pelo seu relevo faz parte da própria imagem, ao mesmo tempo conferindo a estas obras a qualidade de pinturas/objetos. Aqui, a silhueta tomada diretamente das suas próprias mãos, estando assim à escala 1:1, é janela para desenhos a esferográfica. Sendo o mesmo o instrumento com que escreve que instrumento com que desenha e/ou pinta, aqui vemos as formas recorrentes que, nas suas imagens aparecem em diferentes jogos e geometrias: nuvens, árvores, bolas (de sabão?), envelopes, ... céu azul esferográfica... E, no negativo destas mãos, cartões de computador que sublinham a atualidade da ciência técnica quando foram coladas e que, por isso mesmo, o tempo tornou anacrónicos. Materiais escolhidos que potenciam assim um devir da obra em transformação, assumindo outros sentidos, outras relações entre obra e espectador.

Mala | 2014

Valor de Aquisição: 9 840 €



Fundamentação: Esta mala acompanhou Armando Azevedo nas suas performances desde os anos setenta até ao fim da sua vida. Pelas fotografias da performance no Museu de Arte Moderna de Paris em 1980 (na seção *Animation - Recherche - Confrontation*, a convite de Jean-Jacques Lebel) já a vemos coberta de fotocópias de fotografias de si próprio em performance. Uma mala cujo conteúdo variava de acordo com os objetos necessários a cada ação, mas cuja densidade residia sobretudo na sua superfície, uma permanência no que se toma por efémero, na acumulação do jogo de diferentes atos. As vendas transparentes com diferentes registos de cores, imagens ou letras, que servem para se ver através e para serem vistas. As rosas artificiais. Rosas que são rosa e outras que não, como ia dizendo em performance: Esta rosa não é rosa, deitando fora as rosas que não o são... A luz para a sua cabeça como se de um mineiro se tratasse mas usada em performance, num púlpito muito elevado da Casa das Caldeiras em Coimbra, numa espécie de homilia (profana?) que apoteoticamente terminava disparando pistolas de bolas de sabão. Como a que está dentro desta mala junto de muitos outros objetos relíquias que poderão não voltar a ser ativadas.

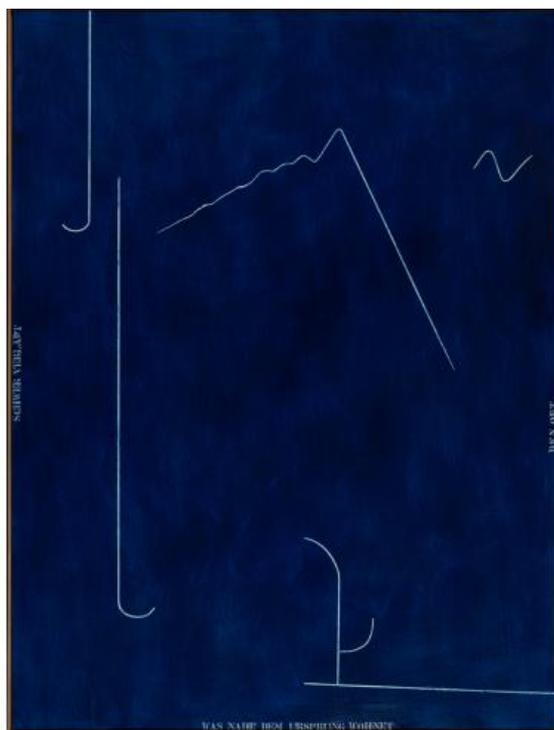
AVELINO SÁ [Santa Maria da Feira, 1961]

***A Viagem (Die Wanderung)* | 2007**

Descrição: Encáustica sobre madeira

Dimensões: 200 x 150 cm

Valor de Aquisição: 11 150 €



***A Torre (Der Turm)* | 2021**

Descrição: Tinta-da-china e grafite sobre papel

Dimensões: 37 x 27 cm (15 elementos)

Valor de Aquisição: 9 923 €



Fundamentação: Avelino Sá é um artista com um percurso singular, onde uma técnica pictórica, a encáustica, tem sido contínua e consistentemente trabalhada. Se nas bandeiras de Jasper Johns, as mais famosas encáusticas do século XX, o que se revela na transparência do material é uma arqueologia do presente, em Avelino Sá prefere-se uma aproximação à estética taoista e Zen, exaltando a percepção do transitório na natureza e na vida. O silêncio, a chamada para a morte, o insignificante e a impermanência são, então, caminhos por vezes paralelos, noutros casos cruzados, que as suas obras questionam em tensão permanente. Para Avelino Sá a utilização da encáustica representa a possibilidade de oscilar entre a pintura, o desenho e a escultura. Trata-se de um trabalho de ocultação e desocultação que se manifesta nos cambiantes texturais e lumínicos que esta técnica permite tratar com artesanal e milenar sabedoria acumulada. Aí o artista trabalha um processo de inscrição da imagem ou da palavra, como fragmentos de realidade vivida ou reinterpretada a partir de referências culturais precisas. Tal como Álvaro Lapa, que numa das poucas referências a artistas contemporâneos, considerou nos anos noventa este autor como alguém a destacar, este artista faz da palavra de autores como Friedrich Hölderlin, Robert Walser e Paul Celan morada permanente.

BRUNO ZHU [Porto, 1991]

***Constança, Esperança and Graça* | 2019**

Descrição: (Constança) Acessórios para manicure e utensílios de cozinha, (Esperança) acessórios para o cabelo e ferramentas de bricolage, (Graça) acessórios para o cuidado do corpo e utensílios de cozinha, sabões, penas, têxteis

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 23 980 €



Fundamentação: Imersa, e dependente dos afetos produzidos pelas lógicas do consumo, a prática artística de Bruno Zhu cruza episódios íntimos, idas às compras e o tédio do quotidiano, criando um corpo de trabalho intenso, simultaneamente pessoal e despersonalizado, que põe a nu o valor simbólico, político, social e económico dos objetos que nos rodeiam, ao mesmo tempo que desenvolve uma reflexão tanto emotiva como indiferente e apática sobre o lugar que ocupa no mundo. Recorrendo aos códigos, estratégias e materialidades da indústria da moda e, mais especificamente, do pronto-a-vestir e da *fast fashion*, Zhu cria objetos que vivem nos interstícios da reprodução e alteração ilimitadas sendo, no entanto, e apesar disso, fundamentalmente únicos e, como tal, infinitamente valiosos. É nesta tensão recorrente entre categorizações e raciocínios binários, e que existe para além de qualquer possibilidade efetiva de resolução, que a prática de Zhu tem vindo a inscrever-se de forma sólida, recusando explicitamente dialéticas resultantes do edifício modernista e projetando-se de maneira irreversível nos fluxos contraditórios do capitalismo global. A peça adquirida em 2023 para a

CACE, desenvolvida especificamente para a edição de 2019 da Ano Zero - Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, vem reforçar a presença de Zhu na coleção, assim demonstrando de forma clara a importância deste jovem artista no panorama da arte contemporânea nacional.

CARLA FILIPE [Vila Nova da Barquinha, 1973]

Ser pós-moderno em Portugal | 2005

Descrição: Casaco de ganga, esferográfica sobre cartolina, 78,6 x 111 cm; vestido, esferográfica e colagem sobre cartolina, 99,2 x 81,3 cm; meias, bandolete e colagem sobre cartolina, 61 x 46 x 6 cm; "Patty Poster", tinta-da-china sobre cartolina, 50 x 32 cm; "Lydia Lunch Poster", tinta-da-china sobre cartolina, 50 x 32 cm; "Laurie Poster", tinta-da-china sobre cartolina, 28 x 23 cm; "Grace Poster" tinta-da-china sobre cartolina, 32,5 x 25 cm; "Madonna Poster", tinta-da-china sobre papel, 71 x 50,5 cm; "The Clash Poster", tinta-da-china sobre papel, 71 x 50,5 cm; Recortes, colagem sobre capa escolar "Kiss" (1988-2005); "Teenager drawing"(1988-2005), grafite sobre papel, 42 x 30 cm.

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 20 000 €



Fundamentação: Com um percurso de grande relevância no panorama artístico nacional e internacional, Carla Filipe iniciou-se na cidade do Porto em 2001, fazendo parte do fluxo de espaços geridos por artistas, sendo cofundadora do “Salão Olímpico” e do “Projecto Apêndice”. Em 2009, foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, o que sedimenta o seu percurso internacional. A sua obra, muito ancorada no desenho, relaciona cultura popular, ativismo e aspectos autobiográficos, partindo ainda da apropriação de objetos e documentos e da utilização da palavra escrita. O desenho ocupa também um papel central, inscrevendo-se muitas vezes sobre jornais, *flyers*, cartazes, bandeiras e diversos artefactos. Existe uma dimensão de arquivo e de registo onde tudo se reorganiza, com narrativas que vêm de trás, mas que se cruzam com o agora. O seu olhar crítico questiona normas sociais e provoca reflexões sobre as dinâmicas da sociedade contemporânea como reconhecemos em *Ser pós-moderno em Portugal*, uma obra singular na carreira de Carla Filipe, e que reúne as diferentes dimensões do seu trabalho: a recolha de objetos, a escrita, o desenho, a experiência pessoal e do quotidiano transformado. Conta, atualmente com uma grande exposição antológica no Museu Serralves “IN MY OWN LANGUAGE I AM INDEPENDENTE”, exposição que permite compreender de forma clara a sua extensa produção, desenvolvida de forma persistente e consistente ao longo de vinte anos e que inclui a peça que agora propomos para aquisição.

DANIEL BARROCA [Lisboa, 1976]

Mapa de cumplicidades #1 #2 #3 | 2011

Descrição: Impressão a jato de tinta riscada com ponta seca. Ed. 1/5 + PA

Dimensões: 100 x 140 cm (3 elementos)

Valor de Aquisição: 15 000 €





Fundamentação: Num país até há relativamente pouco tempo renitente a olhar de modo crítico o seu passado recente, tanto ao nível da análise científica, como nas mais diversas expressões artísticas, a história material e subjetiva da Guerra Colonial e subsequente processo de descolonização continuam a pairar no imaginário coletivo como feridas ainda não totalmente cicatrizadas.

Daniel Barroca, tem explorado há mais de uma década essa via numa linha de trabalho aberta pela descoberta de um álbum com memórias fotográficas de guerra do seu pai na Guiné-Bissau, numa sequência de projetos que entrecruzam as suas apreensões perante o que aí encontrou, com dados da sua própria biografia.

Mais do que um testemunho documental, as suas obras sedimentam uma fissura hermenêutica que acaba por potenciar um mal-estar no espectador, atirado para um voyeurismo involuntário e perturbante. Entre a morte e a celebração da vida e do companheirismo, repousa um fundo de verdade que pressentimos inalcançável. Essa distância

física e temporal é a mesma que arrasta o artista para uma posição de desconforto partilhado, nele agudizado pela relação familiar imediata. O silêncio da história quebra-se como uma partitura de fragmentos soltos, num contínuo que assimila passado e presente. No entanto, o que prevalece é o silêncio: interpretativo e visual; como se do peso da representação nada mais sobrasse que um interminável clarão onde a imagem se transforma em memória atuante e futura, literalmente riscada na superfície destas ampliações fotográficas.

DUARTE AMARAL NETTO [Lisboa, 1976]

Duas amigas em terapia, Vals | 2014

Descrição: Ed. PA

Dimensões: 140 x 199 cm

Valor de Aquisição: 8 200 €



Fundamentação: Duarte Amaral Netto iniciou a sua atividade expositiva no final da década de noventa. Ao longo destes anos, a sua prática artística desenvolveu-se em diferentes vias, mantendo-se, contudo, a constância relativamente à preponderância do impulso narrativo presente no seu trabalho fotográfico. Datada de 2014, esta imagem — *Duas amigas em terapia, Vals* (2014) — é representativa do apelo cinematográfico e pictórico das suas imagens,

bem como da tensão existente entre as preocupações documentais e ficcionais no campo da fotografia. Pertencendo a uma série de trabalhos posterior ao uso de imagens apropriadas e à exploração à dimensão conceptual e arquivística da fotografia, patente em séries como *The Polish Club Case* (2011) ou *Z* (2012), apresentada na exposição dos artistas finalistas do Prémio BES Photo 2012, nela evidencia-se igualmente o jogo entre o artificial e o credível existente em toda a representação. Como é também característico do seu trabalho, há nela um convite à interpretação, ou seja, à visualização atenta e à divagação e construção de uma história, sempre hipotética.

EMILY WARDILL [Reino Unido, 1977]

***Night for Day* | 2020**

Descrição: Vídeo + stereo sound, 48´

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 33 329 €



Fundamentação: A artista britânica vive e trabalha entre Londres e Lisboa e a sua obra está, por isso, imbuída de um importante olhar sobre a história e a cultura portuguesa. A obra proposta para aquisição, *Night for Day*, conjuga documentário e ficção para elaborar uma reflexão sobre a Revolução de Abril, no seu significado mais lato de utopia política e de que forma essa utopia se confronta com a contemporaneidade. Partindo dos relatos de Isabel do

Carmo, uma das ativistas de extrema esquerda que protagonizou um dos períodos mais intensos pós-revolucionários, o filme introduz também ficções, pessoais e coletivas, que obrigam a deslocamentos sobre a natureza da verdade histórica. Esta proposta de aquisição justifica-se por se tratar de uma obra com enorme rigor e qualidade cinematográfica, que opera um olhar rizomático e problematizante sobre as utopias e as suas derivações, e que interroga de modo inédito a história recente de Portugal e os seus desenvolvimentos no quadro de uma nova sociedade global e tecnológica.

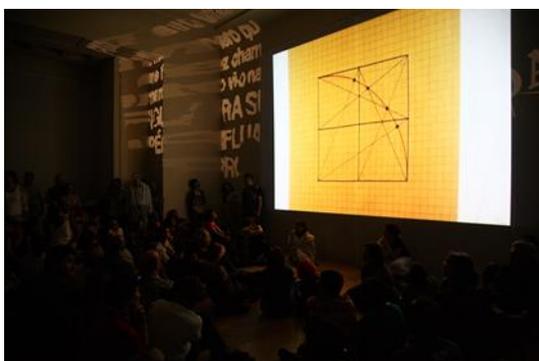
ERNESTO DE SOUSA [Lisboa, 1921 - 1988]

***Almada, Um nome de Guerra* | 1969-72/84**

Descrição: Filme experimental (*mixed-media*). Duas projeções de filme, originais em filme de 35 e 16 mm + DVD + Ficheiro Digital. Diaporama de cerca de 600 diapositivos a cores e a preto e branco (480 duplicadas e digitalizadas) + 2 Fontes sonoras, música do compositor Jorge Peixinho e alguns trechos de uma entrevista a Almada Negreiros.

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 74 200 €



Fundamentação: Ernesto de Sousa foi uma personalidade multifacetada, com um papel de enorme relevância na arte portuguesa desde a década de quarenta até ao final da década de oitenta. Teve um singular contributo como curador, teórico, historiador e artista para a definição da neo-vanguarda portuguesa, e continua a influenciar gerações mais jovens de artistas. Enquanto artista, Ernesto de Sousa é responsável pela criação de obras *mixed media*, conceito que, na década de sessenta, se torna crucial para o seu pensamento e prática artística de uma arte total e multidisciplinar. A obra agora proposta para aquisição é uma das mais

importantes e históricas da arte portuguesa por diversas razões: constitui a obra *mixed media* mais complexa e significativa no percurso do autor e no âmbito da neo-vanguarda portuguesa, é um tributo a Almada Negreiros enquanto representante da vanguarda modernista e um exemplo de transição geracional na arte portuguesa; na produção da obra foram incluídas as formas artísticas que caracterizaram aquele período, como o filme, a projeção de diapositivos, música experimental, cartazes e performance, tornando-a um exemplo único em Portugal desta abordagem e entendimento multidisciplinar da arte. A obra possui, para além de uma ampla qualidade e singularidade artística, uma notoriedade histórica que justificam esta proposta de aquisição, garantindo além disso a sua futura preservação.

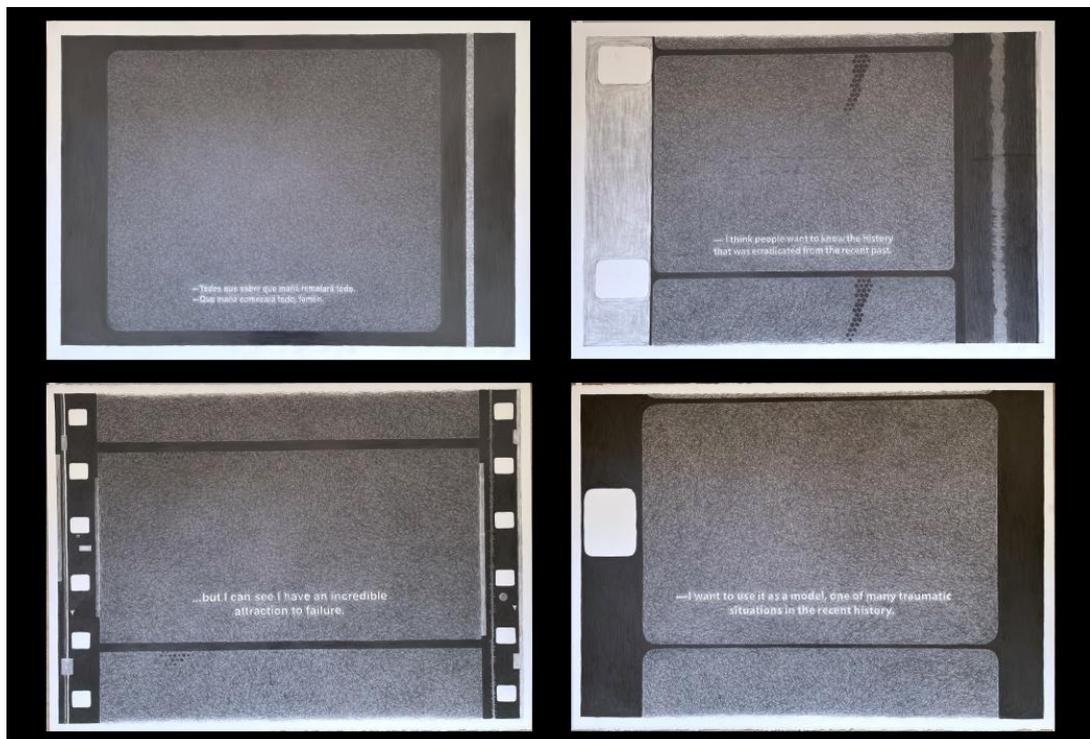
FERNANDO JOSÉ PEREIRA [Porto, 1961]

For Michael Snow – cinema formats | 2022/2023

Descrição: Grafite sobre papel (4 elementos)

Dimensões: 100 x 70 (4x)

Valor de Aquisição: 6 000 €



Fundamentação: Fernando José Pereira é um autor que tem mantido uma atividade desdobrada na produção artística e numa contínua reflexão em torno das possibilidades da arte se constituir como território socialmente relevante. Docente na Faculdade de Belas Artes do Porto, foi fundador com Cristina Mateus e Miguel Leal da VIROSE (www.virose.pt), uma das primeiras plataformas digitais criadas em Portugal dedicada à reflexão sobre as relações entre arte e tecnologia.

O percurso de Fernando José Pereira desenvolve-se essencialmente a partir dos anos noventa do século passado e abarca vários meios, privilegiando a instalação, o vídeo e o desenho como mecanismos de uma revisão crítica da modernidade. Assim, são determinantes no seu trabalho as alegorias que estabelece a partir da similitude entre a competitividade no universo do alpinismo (que ele conhece bem como praticante) e o universo da arte, a partir daí desenvolvendo uma continuada e profícua investigação sobre o conceito de sublime. Os seus desenhos, milimetricamente compostos, constituem um gesto-resistência à opacidade da sociedade atual. São determinados por um esforço continuado em trabalhar numa técnica propositadamente lenta e dificultosa, como que reclamando um tempo que resiste à velocidade digital, às verdades que se contradizem no dia seguinte, à volatilidade das (in)certezas que nos rodeiam. Por vezes enigmáticos, remetem para uma visão complexa do real, onde o questionar deveria ser mais relevante do que as falsas assertividades.

FRANCISCO TROPA [Lisboa, 1968]

O coração e os pulmões | 2019

Descrição: Polícias: Madeiras, latão, cerâmica vidrada, motores, controlador eletrónico, ramos em latão pintado; Luminária: Candeeiro a gás, botija em latão, posters; Isco: Bronze pintado; Paliçada: Estruturas em metal, madeira, acrílico

Dimensões: 320 x 320 x 250 cm

Valor de Aquisição: 62 860,50 €



Fundamentação: Pode dizer-se que no centro do trabalho de Francisco Tropa se encontram noções de tempo, de narrativa e de forma, já que o artista tende a criar pontos de contacto entre histórias aparentemente distintas, tanto contextual como temporalmente. Nesse processo, reconta mitologias, tecnologias, ciências e sociedades de uma maneira que nos era desconhecida. Socorrendo-se de uma liberdade disciplinar sem igual, seja através da prática da escultura, desenho, performance, gravura, instalação, fotografia e filme, Tropa tem vindo a desenvolver uma série de reflexões catalisadas pelas diferentes tradições da escultura, por um lado, e da ciência, por outro. Nas suas instalações abundam objetos precisos e preciosos, formas geométricas e elaboradas, protótipos delicados e máquinas complexas. A instalação agora proposta para aquisição, sendo característica do trabalho que Tropa tem vindo a desenvolver recentemente, vem reforçar a presença do artista na Coleção de Arte Contemporânea do Estado.

GABRIEL ABRANTES [Carolina do Norte, EUA, 1984]

***Drunk Ghost* | 2022**

Descrição: Óleos s/ linho

Dimensões: 150 x 210 cm

Valor de Aquisição: 26 500 €



Fundamentação: Gabriel Abrantes tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho que explora a linguagem cinematográfica, debruçando-se sobre temas históricos, sociais e políticos através de uma abordagem frequentemente crítica, irreverente e absurda. As suas obras em imagem em movimento alteram códigos e formatos narrativos tradicionais, muitas vezes levando-os à sua implosão, através da ironia e do humor. Abrantes apropria-se também e de forma única e idiossincrática dos géneros cinematográficos produzidos e reproduzidos pela indústria de Hollywood, desde a comédia romântica ao filme de guerra, e questiona assim o modo como estas narrativas visuais se constituem como um repertório ideológico concreto, moldando a consciência histórica e, em larga medida, a forma como existimos e nos comportamos em relação ao mundo que nos rodeia. A pintura que agora se propõe para aquisição, vem reforçar a representação do artista na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, bem como sinalizar a relevância tanto do seu trabalho, como a importância do seu percurso artístico. A obra *Drunk Ghost*, aborda muitas das temáticas que o artista explora nos seus filmes e vídeos, traduzindo-as para este espaço de representação bidimensional e operando uma *mise-en-abyme*, quer da figura do autor, quer do próprio campo disciplinar e dos espaços que a ele lhe dedicamos, que está repleta das ansiedades contemporâneas que nos interpelam a todo o momento.

GRADA KILOMBA [Lisboa, 1968]

Heroines, Birds and Monsters series, Triptych 2, Sphinx | 2020

Descrição: 3 Impressões em papel de algodão montado em alumínio Dibond STD 3/5

Dimensões: 50 x 75 cm

Valor de Aquisição: 18 900 €



Fundamentação: No conjunto de três fotografias da série *Heroines, Birds and Monsters*, Grada Kilomba apresenta personagens da sua trilogia de vídeos *A World of Illusions*. Estas imagens deslocadas do contexto dos vídeos que lhes deram origem, surgem acrescidas de ambiguidade e enigma, num universo que joga com a própria História como uma narrativa que poderá não ter sido contada como deveria ser. Aqui a artista, dilui a fronteira entre a falácia do que será apresentado como factos, mas que é construído de omissões, e contamina a História assombrando-a com o universo da tradição oral africana, como exemplo de toda uma outra realidade que a História não consegue, nem quer, registar na sua narrativa.

HELENA LAPAS [Lisboa, 1940]

***A semente* | 1967**

Descrição: Técnica mista (bordado e lã sobre estopa)

Dimensões: 216 × 144 cm



***Red Rock* | 2018**

Descrição: Técnica mista

Dimensões: 60 × 44 × 83 cm



Valor de Aquisição (2 peças): 24 000 €

Fundamentação: Se no contexto internacional as revisões históricas de desacertos graves nas narrativas constituintes da arte moderna e contemporânea se têm vindo a desenvolver com particular acuidade nos últimos anos, em Portugal esse exercício ainda tem um longo caminho a percorrer. Helena Lapas é uma das artistas que importa reconsiderar no contexto de uma recuperação não só de carreiras consistentes, como também de uma atenção a disciplinas e técnicas tendencialmente descuradas, como é o caso da tapeçaria. Com uma exposição retrospectiva organizada no corrente ano pelo Museu de Tapeçaria de Portalegre - Guy Fino, a oportunidade para esse reconhecimento está facilitada. Nela se expõe a obra seminal *A semente*, de 1967, exposta na sua primeira exposição individual na Galeria do Diário de Notícias, em 1968.

A semente é a representação de uma árvore da vida gestante, onde a sexualidade assume um carácter orgânico e psicadélico. Flores e frutos flutuam no plano da representação, as raízes e o topo da árvore reenviam para imagens reminiscentes do aparelho reprodutivo feminino, aqui assumindo uma dimensão telúrica, mas ao mesmo tempo evanescente. A tapeçaria, com mais de cinquenta e cinco anos, apresenta uma frescura compaginável com muitas das propostas hoje em dia apresentadas por jovens artistas, onde a dimensão artesanal, por um lado, e a afirmação de género, por outro, são constantes e recorrentes.

Como sinal da energia coerente do percurso desta artista, a proposta de aquisição de *Red Rock*, de 2018, aponta para uma outra dimensão do seu trabalho, nomeadamente a escultórica. Esta obra pode remeter para a sua formação inicial em cerâmica na Escola António Arroio em Lisboa, antes de se licenciar em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde foi a primeira aluna a apresentar como tese uma tapeçaria.

HERNÂNI REIS BAPTISTA [Vila do Conde, 1986]

***Rampa de salto* | 2017**

Descrição: Ferro, cimento, corda e cinta em tecido

Dimensões: 205 x 214 x 42 cm

Valor de Aquisição: 4 305 €



***Hard copy #6* | 2018**

Descrição: Imagem impressa sobre mármore

Dimensões: 58,7 x 52 cm

Valor de Aquisição: 2 706 €



Fundamentação: Hernâni Reis Baptista vive e trabalha no Porto, onde integra o espaço independente “Sismógrafo”. A sua prática artística tem sido muito consistente ao longo de mais de dez anos, expondo com regularidade em diversos contextos tanto independentes como institucionais, estando ainda representado em diversas coleções públicas e privadas. A sua obra relaciona diversas questões como identidade e género, cruzando-as com as suas próprias vivências e contexto, e preocupações em torno da vida contemporânea. O seu trabalho abrange a instalação e escultura, testando ainda outras formas de dar corpo à imagem. Utiliza frequentemente materiais encontrados ou recuperados, como madeira, mármore, vidro ou têxtil, este último desempenhando um papel recorrente na sua investigação, explorando a relação com a pele e a sua utilização como indumentária e proteção. Mais recentemente tem adicionado a maquilhagem e as suas ferramentas nas suas obras, explorando diferentes formas de pensar o corpo e a pele na relação com a aparência e a camuflagem: o artista aproxima o humano e o animal, através da sua pesquisa de mecanismos semelhantes de sobrevivência. Jogos confusos entre camuflagem e aparência onde podemos encontrar violência e o seu contrário, na mesma imagem ou objeto. As obras que se propõem para aquisição, *Rampa de salto* e *Hard copy #6* pertencem à sua exposição individual *The confession of the flesh*, que teve lugar na Kubik Gallery no Porto, em 2018.

HUGO CANOILAS [Lisboa, 1977]

***Phantasmagoria* | 2023**

Descrição: Acrílico de alta fluidez sobre algodão, estrutura de madeira, 2 motores e um foco de luz com filtro âmbar

Dimensões: 160 x 8675 cm

Valor de Aquisição: 62 402,50 €



Fundamentação: Esta pintura de dimensões imensas percorre, cinematicamente, um retângulo de 2,2 por 3 metros como se de um ecrã se tratasse. As imagens evocam, em diluição orgânica, a memória da lula gigante mantida em formol no Aquário Vasco da Gama em Lisboa. Por outro lado, na capacidade empírica de imaginar, experimentamos as imagens que nos são dadas das profundezas do mar, ou mesmo a presença da lula gigante criada e descrita por Jules Verne no seu livro *20,000 Léguas Submarinas*.

Nesta pintura transformada em cinema, ou no cinema aqui feito pintura, a imagem e a própria ideia de imagem surge-nos enquanto fluxo, como formas orgânicas em trânsito que se diluem como os corpos na água e se aproximam da plasticidade informe dos líquidos. Todavia com a viscosidade que nos prende a cada detalhe que se vai escapando para fora de campo. A fantasmagoria está na própria natureza da pintura, de formas que se apresentam pelo seu rasto, e também pelo carácter fugidio das imagens que se mostram e escondem, ao passar pelo plano/ecrã que as dá a ver.

Esta instalação, *Phantasmagoria*, foi apresentada na sua exposição no Centro de Artes Visuais em Coimbra, em 2022, com uma determinada configuração: o efeito de movimento era dado pelo percurso do espectador e o seu olhar percorria toda a extensão da tela, de mais de oito metros.

INÊS ZENHA [Lisboa, 1995]

***Repairing codependency II* | 2023**

Descrição: Tinta de resina sobre cerâmica, tubos de borracha e punhos de metal

Dimensões: 35 x 36 x 10 cm

Valor de Aquisição: 2 299 €



***Beware of the dogs II* | 2023**

Descrição: Cerâmica esmaltada, tubo de borracha e haste de metal

Dimensões: 28 x 31 x 16 cm

Valor de Aquisição: 2 299 €



***Tongue-tied* | 2023**

Descrição: Cerâmica grés vidrada

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 2 299 €



***Where we collide* | 2023**

Descrição: Cerâmica grés vidrada

Valor de Aquisição: 2 299 €



Fundamentação: A prática de Inês Zenha abrange uma multiplicidade de suportes, tais como instalação, pintura, escultura e cerâmica, que são utilizados como parte da sua investigação e reflexão em torno das representações, tanto formais como conceituais, do corpo *queer*. Um corpo sobrecarregado por valores hetero-patriarcais, um corpo que se esforça por se libertar e criar uma nova ontologia para si próprio. Partindo da compreensão de que até os hábitos e escolhas mais íntimos são condicionados por construções sociais, Zenha tenta desconstruir o heteropatriarcado através do uso de metáforas visuais, narrativas e formais que contrapõem a artificialidade da imposição de tais princípios com a espontaneidade daqueles puramente naturais, nomeadamente aqueles que podemos destilar a partir das relações que as plantas estabelecem entre si e com o mundo à sua volta. As peças propostas para aquisição, um conjunto de esculturas em cerâmica vidrada, testemunham de forma exemplar o interesse da artista, tanto político como afetivo, no reino vegetal e nos modelos de vida coletiva, de emancipação e de agência que este nos oferece.

ISAQUE PINHEIRO [Lisboa, 1972]

Curadoria | 2020

Descrição: Mármore de Estremoz

Dimensões: 155 x 18 x 18 cm

Valor de Aquisição: 8 600 €



Fundamentação: A prática artística de Isaque Pinheiro conta com um currículo extenso de mais de 20 anos, entre exposições nacionais e internacionais, tanto em espaços independentes como institucionais ou comerciais. É cofundador dos Maus Hábitos – Espaço intervenção artística criado no Porto, em 2001.

Isaque Pinheiro vive e trabalha nesta cidade, onde mantém uma prática de atelier em permanência, e, nas palavras de João Baeta “um artista que explora diversos meios, revelando uma inquietação contínua onde se cruzam questões clássicas e contemporâneas relacionadas com prática oficial do artista, e uma intensa reflexão crítica sobre o que vai nos apresentando, assistida dum mestria técnica, pouco vulgar nos dias de hoje.”. Existe na sua obra um sentido de humor, e algum ilusionismo do fazer, onde muitas vezes as peças parecerem ser aquilo que não são. Há simultaneamente neste artista uma necessidade crítica e satírica, subtilmente levantando questões sobre o valor da obra de arte, o papel do artista, custos de vida, propriedade, cópia e original. A peça *Curadoria* que se propõe para aquisição, é uma escultura em mármore, material que tem sido recorrente na sua obra e que por isso representa de forma plena o seu trabalho artístico.

JORGE DE OLIVEIRA (Leiria, 1924 – Caxias, 2012)

***Abismos* | 1949**

Descrição: Óleo sobre aglomerado

Dimensões: 96 x 122 cm

Valor de Aquisição: 40 000 €



Fundamentação: Jorge de Oliveira pertence a uma geração de pintores que protagonizaram as grandes correntes da arte portuguesa na década de 40 e 50, muito embora a sua obra tenha sido menos reconhecida. Esta proposta de aquisição reconhece, portanto, a singularidade da sua obra, colmatando a ausência da sua representatividade na coleção do Estado. Esta pintura é uma obra de maturidade, refletindo a sua exploração de um gestualismo abstrato único na arte portuguesa da década de 40. A sua obra atravessa os principais movimentos da arte portuguesa do denominado segundo Modernismo, neorrealismo, surrealismo e abstracionismo. Mas é ao redor desta última corrente que a sua obra se definirá com singularidades próprias, realizando uma inédita fusão entre o gestualismo e o abstracionismo. A obra *Abismos* é um dos exemplos dessa prática pictórica numa permanente dualidade, em torno do gesto inconsciente e da elaboração geométrica.

JORGE MOLDER [Lisboa, 1947]

***Joseph Conrad, Untitled* | 1990**

Descrição: Ed. 3+1 PA

Dimensões: 102 x 102 cm

Valor de Aquisição: 17 175 €



Fundamentação: Jorge Molder é um dos principais protagonistas da fotografia contemporânea. Tendo contribuído desde o final da década de setenta para a afirmação da fotografia no meio artístico português, a sua trajetória está indelevelmente marcada pela realização de trabalhos a preto-e-branco, desenvolvidos em série e através de processos de autorrepresentação. Esta condição marcante do seu percurso singular, é também acompanhada pela recorrente presença de referências culturais que afloram através do seu imaginário fotográfico. No seu trabalho, não existe, contudo, abordagens a conteúdos determinados nem específicos, mas sobretudo evocações de cenários, atmosferas e projeções, sejam elas de natureza filosófica, literária ou cinematográfica.

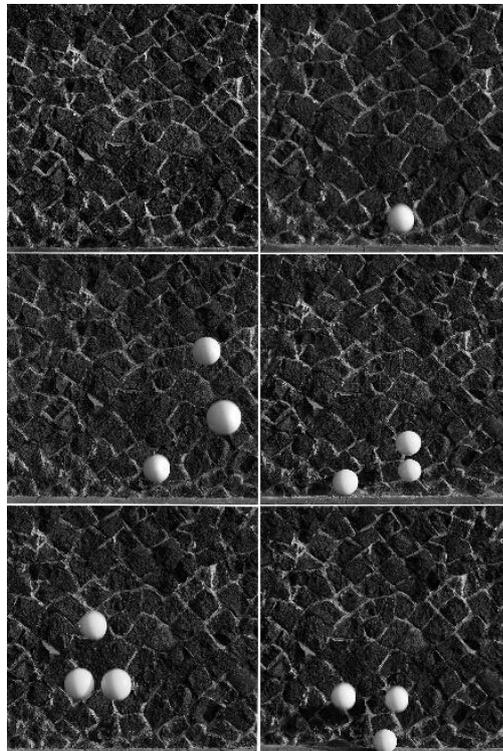
Esta obra da série *Joseph Conrad*, de 1990, é exemplo dessa prática. Nela encontramos um conjunto de cenas misteriosas, que relacionam espaços escuros e adereços inusitados, e presenças subjetivas que têm o poder de envolver o espectador numa narrativa ficcional.

JOSÉ MANUEL RODRIGUES [Lisboa, 1951]

Sequência de 6 provas | 1982

Dimensões: 32 x 32 cm

Valor de Aquisição: 5 000 €



Sem título | 2017

Dimensões: 40 x 60 cm

Valor de Aquisição: 3 000 €



Fundamentação: A obra artística de José Manuel Rodrigues teve um reconhecimento nacional em 1999 com a atribuição do Prémio Pessoa. A sua formação e carreira inicial decorreram na Holanda onde esteve sediado durante várias décadas. É um dos fotógrafos mais relevantes no quadro da reformulação estética da fotografia portuguesa, entre as influências conceptuais do pós 25 de Abril e uma nova abordagem onírico-documental.

Não estava representado na Coleção de Arte Contemporânea do Estado o que constituía uma lacuna. A proposta de aquisição destas duas obras permite suprimir essa lacuna e representam dois momentos importantes na evolução da sua obra. Desde uma abordagem serial e ainda de influência pós-conceptual presentes na obra, *Sequência* de 1982 e a transição para uma linguagem documental poética e de exploração técnica intensa do cromatismo da fotografia a preto e branco, como é o caso da obra *Sem título* (2017).

JÚLIA VENTURA [Lisboa, 1952]

***Sem título* | 1983 - 1986**

Descrição: Fotografia a preto e branco

Dimensões: 80 x 100 cm

Valor de Aquisição: 9 000 €



***Sem título* | 1983 - 1986**

Descrição: Fotografia a preto e branco

Dimensões: 80 x 100 cm

Valor de Aquisição: 9 000 €

***Sem título* | 1978**

Descrição: Fotografia a preto e branco (Díptico)

Valor de Aquisição: 9 000 €



Fundamentação: Com uma prática eminentemente reconhecida no campo da fotografia, principalmente através da autorrepresentação, Júlia Ventura apropria-se dos cânones da modernidade clássica para os subverter. A figura da mulher-modelo desliza criticamente para uma forte afirmação da mulher-autora, para um empoderamento identitário iniciado já na década de 70 do século passado, num percurso feito entre Portugal e os Países Baixos. Concomitantemente tem mantido uma regular prática de meios ligados ao vídeo, à performance, à instalação e também à pintura. Este percurso concede-lhe, a par de Helena Almeida, um estatuto único na arte portuguesa contemporânea nomeadamente num registo onde a desconstrução da imagem fotográfica do autorretrato se radicaliza com eficácia ímpar. Na sua obra as questões da identidade e do corpo assumem uma crítica não só ao estatuto da imagem fotográfica na modernidade clássica – nomeadamente no balanço desequilibrado entre autor e representação de género no (auto)retrato -, como também a exposição de um “eu” que não é a artista nem a sua *persona*, embora neles ancorada.

LUISA CUNHA [Lisboa, 1949]

***SELFIES #2* | 2019**

Descrição: Instalação, C-Print em papel de parede Decortex. Ed. 1+PA

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 22 900 €



***Inner View* | 2010**

Descrição: Monitor TV, DVD-PAL, 1 leitor DVD, imagem e voz produzindo texto (texto original em inglês), 1'20''. Ed. De 1 + PA

Valor de Aquisição: 17 175 €



Fundamentação: O extenso e relevante percurso artístico de Luísa Cunha justifica esta proposta de reforço da sua presença na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, com obras que refletissem outras vertentes importantes do seu trabalho, complementando as duas instalações sonoras já existentes. Neste sentido, o vídeo *Inner View* e a instalação em papel *Selfies #2*, vêm contribuir para uma representatividade mais ampla do seu trabalho, focando-se em temas estruturais do mesmo.

No vídeo *Inner View*, a artista retorna às questões do ato de observar e ser observado, utilizando de novo a ironia para desconstruir modelos de autoridade e de representação. A vista interior para que remete o título confronta-se com o plano fixo da artista a observar através de uns binóculos, que remete para um observar e/ou vigiar para algo exterior que está subjacente à função do gesto e do objeto. É uma obra relevante sobre um tema que tem percorrido a sua trajetória artística, a psicologia do olhar e as suas formas sociais e políticas de expressão e que complementa a obra já existente na coleção *Dirty Mind* de 1995. A obra *Selfies #2* representa, em forma de instalação, um olhar uma vez mais irónico e disruptivo sobre os comportamentos sociais e a sua evolução. A repetição da palavra *Selfies*, inscrita sob a forma de padrão de papel de parede, convoca para uma prática narcísica própria da contemporaneidade, mas coloca o significado da fotografia de si mesmo num patamar

interpretativo irónico, deslocando-o de uma afirmação única de identidade e de vaidade para um mero artefacto decorativo, padronizado, vulgarizado e reproduzível.

MARIA JOSÉ OLIVEIRA [Lisboa, 1934]

***Casaco de Homem* | 1995**

***Manga de Casaco* | 1995**

Descrição: Tecido, barro, areia de sílica e tinta acrílica

Dimensões: 100 x 65 cm | 60 x 10 cm (diâmetro)

Valor de Aquisição: 5 000 €



Fundamentação: O trabalho de Maria José Oliveira caracteriza-se pela procura de uma relação de proximidade entre a arte e a vida e do fazer artístico com materiais naturais. Muitas das suas obras escultóricas revestem-se por isso de uma qualidade orgânica. Realizadas com objetos encontrados, recolhidos na natureza ou elaborados a partir dessa presença matérica, há neles uma evocação de lugares e paisagens. As obras *Casaco de Homem* (1995) e *Manga de Casaco* (1995), que constituem composições depuradas mas expressivas, surgem baseadas na inscrição de registo das marcas da natureza e da memória dos seres vivos e revelam o desejo de criação de universos de sugestão poética que sempre acompanham o seu trabalho.

PEDRO BARATEIRO [Almada, 1979]

***The Current Situation* | 2015**

Descrição: Estruturas metálicas, folhas de palmeira, troncos de palmeira, acrílico sobre tela, 2 vídeos

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 40 075 €



Fundamentação: A investigação que Pedro Barateiro procura desestabilizar a pretensa objetividade de espaços e imagens, de objetos e textos, problematizando as estruturas históricas e ideológicas que lhe estão subjacentes e que lhes dão corpo, substância e agência. Se no início da sua carreira essa investigação se dedicava a categorias históricas e políticas como o modernismo ou o colonialismo, mais recentemente a sua atenção tem vindo a focar-se na construção do indivíduo através de uma subjetividade ampliada no quadro do capitalismo tardio, explorando figuras como as do espectador, o empreendedor ou o turista, por exemplo. A obra de Barateiro tem vindo assim a refletir sobre a necessidade crescente de desconstruir os mecanismos binários e opressivos do Ocidente, começando pelo género e pelo poder e violência exercido sobre os agentes humanos e não humanos (biopoder), e que passa por todas as formas de colonização do imaginário e dos recursos naturais. A instalação de grandes dimensões agora proposta para aquisição, de 2015, vem reforçar a presença do artista na Coleção de Arte Contemporânea do Estado e narra acontecimentos que, ainda que desconexos, exploram formas de resistência, ou a sua ausência, sejam elas biológicas ou sociais.

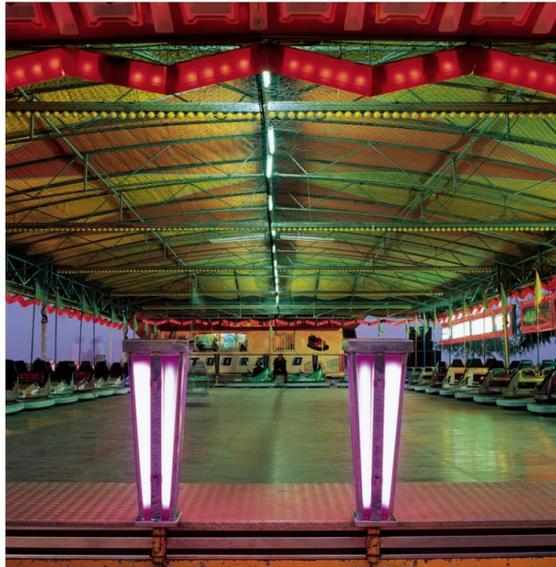
PEDRO LETRIA [Lisboa, 1965]

N37°11'34" W7°24'59" Fotografia #79, 9/20/1996, da série Terraformada

Descrição: Prova digital a jacto de tinta em papel de algodão baritado, colado, moldura de madeira, vidro museu

Dimensões: 80 x 80 cm

Valor de Aquisição: 4 800 €



Greyhound Trust Kennel, Hershaw, Inglaterra, da série Mármore | 2006

Descrição: Prova digital a jacto de tinta em papel de algodão baritado, colado, moldura de madeira, vidro museu

Dimensões: 90 x 90 cm

Valor de Aquisição: 5 000€



Sodefor Logging Company, Bandundu, D.R. Congo, da série *Mármore* | 2005

Descrição: Prova digital a jacto de tinta em papel de algodão baritado, colado, moldura de madeira, vidro museu

Dimensões: 90 x 90 cm

Valor de Aquisição: 5 000€



Fundamentação: Pedro Letria pertence à geração de fotógrafos que inaugurou uma nova linguagem fotográfica documental, colocando-a numa perspetiva social, política e económica. Fez parte do importante coletivo Kamera Photo (2003-2014) que durante uma década registou a paisagem e os acontecimentos marcantes do país, produzindo um vasto legado visual desse período. As obras agora propostas para aquisição suprimem a sua ausência na Coleção de Arte Contemporânea do Estado e vêm ampliar a presença desta importante geração de fotógrafos na mesma, e da obra de Pedro Letria em particular.

O seu trabalho explora a natureza narrativa da imagem, por isso arquiteta longas séries, produzindo projetos coesos e intercomunicantes. A sua obra mais recente tem vindo a realizar um diálogo profícuo e singular entre prosa e imagem. A obra pertencente à série *Terraformada* faz parte de um projeto de 1996 em que o artista percorreu as zonas fronteiriças entre Portugal e Espanha, captando não só as paisagens naturais, mas as paisagens construídas, e as várias formas de incoerências territoriais, características de um Portugal em desenvolvimento.

Por seu turno, a série *Mármore*, é o resultado de um périplo de vários anos entre a Palestina,

Inglaterra, Índia, Bósnia- Herzegovina e República Democrática do Congo. Trata-se de uma série em que as qualidades narrativas se sedimentam e em que o fotógrafo é um observador do quotidiano que vai tecendo ligações simbólicas e alegóricas entre os lugares e as situações. As três obras agora propostas para aquisição consolidam a representatividade de Pedro Letria na coleção, tendo em consideração as qualidades e características do seu trabalho, mas também assinalam a sua importância geracional para a fotografia portuguesa.

PEDRO VALDEZ CARDOSO [Lisboa, 1974] – Galeria Fernando Santos

***The space between us* | 2003**

Descrição: Madeira e tecido

Dimensões: 90 x 360 x 60,5 cm

Valor de Aquisição: 6 913 €



Fundamentação: Pedro Valdez Cardoso iniciou a sua trajetória artística no início do século XXI. A sua obra, maioritariamente desenvolvida no domínio da escultura e da instalação, congrega abordagens sobre aspectos identitários (social, sexual e cultural) e questões pós-coloniais. Nos seus trabalhos, os corpos escultóricos problematizam preconceitos culturais, situações de artificialização da natureza, da memória e da história, surgindo a camuflagem ou a

abstratização do efeito de realidade como estratégia de indagação e construção da verdade ou apenas de perspetivação de visões alternativas de mundo e futuro.

A obra *The space between us* (2003) faz parte de um conjunto representativo de trabalhos desenvolvidos pelo artista em torno da identidade e das fronteiras físicas e psicológicas da relação do eu com o outro. Evocando a fusão e anulação da individualidade e das subjetividades, bem como diferentes dimensões desta projeção, sejam elas românticas e/ou irónicas, nela Pedro Valdez Cardoso, trabalha sempre a noção reflexiva e de duplicidade, convocando para a reflexão, o diálogo imaginário com o espectador, seja por intermédio de frases inscritas nos trabalhos ou de títulos sugestivos e explícitos.

RUI MOREIRA [Porto, 1971]

Descrição: Guache sobre papel

Dimensões: 240 x 160 cm

Valor de Aquisição: 15 000 €



Fundamentação: O trabalho de Rui Moreira refere situações vividas, experiências vitais e processos de interpretação culturais que depois resultam numa viagem labiríntica e vertiginosa onde figuras, paisagens e abstrações se desdobram de forma rizomática. Trabalhando essencialmente a partir do desenho, num exercício onde a delicadeza e a monumentalidade se influenciam mutuamente, a prática evolui frequentemente a partir de uma espécie de experiência-limite, uma experiência próxima do transe, o que lhe proporciona um estado de espírito e um entorpecimento físico que tanto pode levar à quietude plena como ao frenesi criativo: tal como nos rituais que tanto gosta do território de Trás-os-Montes, onde os caretos são personagens de origem pagã e milenar, a afirmação do cruzamento entre a culpa cristã e a devassidão embriagada funde-se no alcance de festejos nos quais também já participou. A máscara é uma possibilidade de um olhar para dentro, de um olhar interior, que é aquilo que a exterioridade de muitas das imagens do artista reclamam do observador. Uma interioridade que se torna evidência figural, uma paisagem que se torna cartografia sem métrica e tempo.

Esta peça proposta para aquisição, de 2007, é um desenho de grandes dimensões onde confluem inúmeras referências, concretas, ficcionais ou vividas: dos pássaros de Hitchcock, aos véus potencialmente islâmicos, mas afinal transmontanos, das discussões sobre o primeiro referendo ao aborto em Portugal, até à referência central ao filme *Nostalgia* de Tarkovsky, onde o personagem Gorchakov em viagem pela Itália visita Monterchi, para observar a *Maddona del Parto* de Piero della Francesca.

SÃO TRINDADE [Coruche, 1960]

***Bad liver and a broken heart* | 2005-2006**

Descrição: Impressão Epson inkjet k3. Epson Premium Luster Photo paper. Ed. 3 exemplares + 2 PA

Dimensões: (14 x) 30 x 43 cm (cada)

Valor de Aquisição: 14 000 €



Fundamentação: Em *Bad liver and a broken heart*, São Trindade cria fotografias onde, cada uma, por si, nos surge como sendo única pela sua intensidade expressiva, o que contraria o que poderia ser a neutralização da serialidade. Mas, em variações que jogam com o próprio espaço, as situações são ecos de uma mesma coisa, provavelmente fora de campo, um invisível dominante como o rosto que nunca se mostra. A capacidade compositiva é sensível ao ponto de parecer acontecer sem desígnio, sem desenho, como se nos mostrasse a crueza de uma verdade que passa por ser uma representação de verdade. E, neste simulacro performativo em que somos levados a adivinhar a possibilidade de estarmos perante a própria São Trindade, este título que coloca na mesma frase “bad liver” e “broken heart” transporta-nos para um lugar onde a metáfora se transforma em coisa e a coisa em metáfora. Apresentando-se assim, a São Trindade mostra-se mantendo-se ausente, no lugar onde tudo se encontra e toma forma.

SARA GRAÇA [Lisboa, 1993]

***Problema na Porta* | 2022**

Descrição: Missangas de madeira, linhas, calças de ganga

Dimensões: 210 x 100 cm

Valor de Aquisição: 3 700 €



Maestro Maestro | 2021

Descrição: Esferográfica sobre papel

Dimensões: 100 x 75 cm

Valor de Aquisição: 1 200 €



Fundamentação: Sara Graça é uma artista ainda jovem que conta já com um amplo percurso e reconhecimento. A sua prática tem-se revelado multidisciplinar, utilizando meios muito diversificados nas suas obras, recorrendo muitas vezes a materiais precários ou a objetos comuns do dia a dia. Existe no seu trabalho uma característica vincada do fazer plástico e da manualidade. Será também de salientar o carácter instalativo das peças na relação com o espaço e também a dimensão cinematográfica presente, através de narrativas que se cruzam e interrompem, em lógicas mais ou menos absurdas. O desenho ocupa também um lugar central na sua prática. Sara Graça licenciou-se em artes plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2015, passando pela Central Saint Martins em 2014, através do programa Erasmus, e frequentou o Mestrado em Fine Art na Goldsmiths College. A sua prática multidisciplinar tem sido apresentada em diversos espaços artísticos como “Sismógrafo”, “Uma Certa Falta de Coerência”, “Spirit Shop”, Galeria Solar, Arco Madrid, Galeria Madragoa, Galeria Quadrado Azul e Culturgest. Sara Graça faz parte do grupo performativo visual-musical “Toda Matéria” (com Joana da Conceição e Maria Reis).

SUSANNE THEMLITZ [Lisboa, 1968]

Modus Vivendi. Genus Mutabile / Criaturas Venatórias Anónimas | 2003

Descrição: Silicone, madeiras, papel de parede, ferro, plásticos, fotocópias, cadeira, c-prints, molduras, impressão sobre tela e madeira

Dimensões: Variáveis

Valor de Aquisição: 25 000 €



Fundamentação: O trabalho de Susanne Thémlytz revela um universo pessoal único e idiossincrático, que recorre a uma multitude de meios, como a escultura, a instalação, a pintura, o desenho e o vídeo e explora a plasticidade de materiais como o barro, o bronze, o gesso, a madeira, o cimento, vestuário, entre muitos outros. Interessada pela possibilidade de uma ambiguidade generalizada entre o humano e o animal, o natural e o cultural, Thémlytz cria um universo prenhe de paisagens oníricas, narrativas que a um primeiro olhar parecem ingénuas, inofensivas ou infantis, mas que revelam, na sua profundidade, um mundo denso e complexo, que é rico na suas referências ao real e ao simbólico, e que é habitado por criaturas híbridas, simultaneamente fantásticas e grotescas, trágicas e cómicas, um retrato da artista e um retrato de nós mesmos. A peça proposta para aquisição, uma instalação já histórica, do início da carreira da artista, que foi mostrada pela primeira vez em 2003, na Galeria Luís Serpa, irá reforçar o núcleo de trabalhos da artista na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, cujo percurso é um dos mais surpreendentes dos artistas da sua geração.

XANA (Alexandre Alves Barata) [Lisboa, 1959]

***Lar Doce Lar no quarto 3* | 1994**

Descrição: Acrílico sobre MDF, chávenas e pires

Dimensões: 244 x 190 x 5 cm | 207 x 188 x 5 cm

Valor de Aquisição: 18 000 €



Fundamentação: Xana iniciou a sua atividade artística no período áureo de afirmação em Portugal da teoria e das práticas “pós-modernas”, representando uma via crítica de regresso à pintura que se consubstanciou através de pesquisas centradas na exploração criativa de uma ideia de arte expandida, não focada na pureza e especificidade dos meios. No seu caso, essa trajetória passa pelo exercício de afastamento de uma representação bidimensional, de uma superfície pintada ou pictórica, para o objetual e tridimensional. Tendo como referência o exercício de uma arte híbrida, com recurso ao uso de uma heterogeneidade de materiais apropriados ou menos ortodoxos, Xana realiza também esculturas que também são pinturas, seguindo um programa de arte instalativa, que intervém e ocupa mais livre e ativamente o espaço, através da presença de elementos de cores fortes, com inscrições padronizadas, gráficas e geométricas de forte atração visual. A instalação *Lar Doce Lar no quarto 3* (1994) é disso exemplo. Integrada na exposição *Depois de Amanhã*, que se realizou no Centro Cultural de Belém, esta peça possui um carácter histórico e testemunha o pendor festivo das iniciativas culturais que marcaram a Lisboa 94 – Capital Europeia da Cultura.

De acordo com tendências culturais e artísticas do momento, a arte de Xana representa o ecletismo, um renovado interesse pela cultura popular, o sentido lúdico e paródico da intervenção artística, formas de contrariar a seriedade e a formalidade da arte do modernismo internacional, bem como a afirmação e projeção da liberdade criativa num Portugal democrático e europeu.

Síntese:

Artistas: 35 | Obras: 50 | Galerias: 12

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea 2023/2024

Sandra Vieira Jürgens (Coordenadora)

David Teles Pereira (Representante do Ministério da Cultura)

Emília Tavares (Representante da Secretária de Estado da Cultura)

António Olaio

Fernanda Fragateiro

Luís Silva

Luísa Abreu

Miguel von Hafe Pérez